

O VOLUNTARIADO NA REFORMA: REFLEXÕES E PRÁTICAS A PARTIR DA PEDAGOGIA SOCIAL

Martins, Teresa

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto
teresamartins@ese.ipp.pt

Palabras clave: voluntariado, reforma, envelhecimento ativo, Pedagogia Social.

1. Introdução

À semelhança do que tem acontecido um pouco por todo o mundo, também em Portugal se têm verificado significativas alterações no que diz respeito às questões demográficas. O envelhecimento da população, sobretudo nas sociedades ocidentais, é um facto e está a marcar e a condicionar de forma evidente a vida das pessoas e das comunidades. A análise dos indicadores de envelhecimento a partir dos dados dos Censos - Instituto Nacional de Estatística - desde 1960 até 2011 evidencia a expressão demográfica da população idosa em Portugal.

O Índice de Envelhecimento tem vindo progressivamente a aumentar, sendo em 1960 de 27,3%, em 2001 de 102,2% e em 2011 de 128,6%. No que concerne ao Índice de Dependência dos Idosos verifica-se que aumentou em mais de 50%, entre 1960 e 2011. Analisando o Índice de Longevidade podemos perceber que a percentagem de pessoas com mais de 75 anos aumentou entre 1960 e 2001 quase 10%, sendo também este um valor significativo. Segundo dados da Eurostat (2004), a proporção de pessoas com 60 anos ou mais em relação à população total, na União Europeia, passou de 15.5% em 1960 para 22.2% em 2003. A mesma tendência se verifica em Portugal, onde este valor passou de 11.3% em 1960 para 21.8% em 2003, ou seja, houve um aumento de mais de 10% da proporção de idosos/as relativamente à população total portuguesa em 43 anos.

Para além de muitos outros fatores, estes de ordem demográfica vêm reforçar a necessidade crescente de repensar a forma como se olha para a população idosa, mais concretamente no que concerne à forma como as diferentes gerações se relacionam num contexto multidimensional, com implicações sociais, económicas e estruturais.

De acordo com Guillemard (2007), a questão das transferências sociais entre ativos/as e inativos/as, quando se analisa a questão da reforma e do seu impacto na vida das pessoas e das sociedades, é redutora sobretudo pelo impacto significativo que tem na forma como se organiza todo o sistema de solidariedade intergeracional atual. A problematização desta questão, para além da sua dimensão essencialmente económica, pode ser um dos fortes argumentos na reivindicação de uma nova solidariedade entre as gerações que assente numa maior capacidade para potenciar o papel dos/as idosos/as nos mais diversos domínios da vida social.

Com este texto pretendemos dar um contributo, na área da pedagogia social, para a análise desta problemática ajudando a olhar e sentir as questões do envelhecimento de forma menos discriminatória. Pretendemos ainda contribuir para a reflexão sobre a necessidade de se valorizar a participação ativa de todos os cidadãos sem exceção, tendo em conta as suas competências e características que tornam cada ser humano único e irrepetível.

Este estudo mostra que o voluntariado poderá ser uma das expressões mais visíveis do potencial ainda pouco valorizado das pessoas reformadas nas e para as suas comunidades, sendo também expressão do envelhecimento ativo dos cidadãos.

2. A construção tripartida do ciclo de vida: a idade como despoletador de preconceitos e estereótipos

De acordo com Guillemard (2007), a Educação/ Formação, o Trabalho e a Reforma são atualmente os três grandes marcos externos na estruturação do ciclo de vida dos indivíduos. Muito marcado pelo desenvolvimento da sociedade industrial, este modelo de gestão do ciclo de vida com base nas idades foi-se fortalecendo ao longo dos anos, estabelecendo-se a definição tácita de uma função específica para cada uma das idades, ou dos “tempos” de vida de todos e de cada um dos indivíduos, o que reflete estereótipos de que fala Fernández-Ballesteros em relação à idade social, ou sociocultural, com enfoque nos papéis desempenhados pelos indivíduos ao longo do seu percurso de

vida (Fernández-Ballesteros, 2000). Assim, o que se espera é que o jovem estude, o mais possível e cada vez durante mais tempo, e passe posteriormente para o mercado de trabalho, na fase adulta, na qual conquista a sua autonomia financeira, a par da sua autonomização familiar, constituindo também nesta fase uma nova família. Por volta dos 65 anos, já considerado/a idoso/a, deve ou tem que reformar-se, passando assim para uma fase de inatividade protegida e indemnizada (Guillemard, 2007). Esta autora evidencia que estas três fases, que o Estado Providência veio fortalecer como sequenciais e irreversíveis, têm como elemento central o tempo do trabalho, ou seja, a fase adulta, em que os indivíduos deverão ser profissionalmente ativos e contribuir para o desenvolvimento económico da sociedade. Jovens e idosos/as estão fora deste tempo central. Os primeiros porque se estão a preparar para nele se integrar e os/as idosos/as porque, segundo este modelo, já deixaram de estar integrados.

2.1. O *Idadismo*

Tal como Guillemard, outros/as autores/as, de que salientamos Melissa Petit (2009), consideram que a distribuição do ciclo de vida - tendo por base critérios etários - reforça um percurso de vida rigidificado e marcado por etapas que assinalam a passagem de um estatuto a outro. Esta passagem, sem possibilidade de retrocesso, potencia o surgimento de preconceitos e estereótipos relativamente a cada uma destas etapas. Ou seja, não se espera que haja períodos de inatividade protegida antes da chegada à reforma como acontece, cada vez mais, nas situações de desemprego que marcam a conjuntura atual. Na verdade o aumento do desemprego, que afeta especialmente as pessoas mais novas (que não conseguem, arranjar trabalho remunerado) e as mais velhas (a quem é negada progressivamente essa possibilidade), abre espaço para a discussão da solidariedade entre gerações.

Conscientes dos impactos dos estereótipos e mitos existentes em relação às pessoas idosas, autores/as como Hoffman, Paris e Hall alertam para a *tendência da sociedade para discriminá-las, ignorá-las, ou não (as) levar a sério* (Hoffman, Paris y Hall, 1994: 509). É neste entendimento que surge o conceito de *“ageism”* ou *idadismo, estereótipo, preconceito ou discriminação baseados na idade, neste caso especificamente face a pessoas idosas* (Fonseca, 2006, p.27).

Importa ter em conta que estes estereótipos e preconceitos em relação às pessoas idosas são um fenómeno muito abrangente, que tem subjacentes questões complexas e diversas, sendo importante reforçar que acabam por ter impactos diferentes de acordo com as circunstâncias de vida de cada pessoa, podendo reforçar nos/as próprios/as idosos/as uma auto imagem de incompetentes e incapazes.

Tal como Goyanes e Blanch (2011), entendemos que a promoção de políticas municipais, mas também nacionais e internacionais, que potenciem a autonomia de todas as pessoas, independentemente das suas idades e aos mais diversos níveis (social, cultural, económico, de planeamento urbano, entre outros), é um imperativo para a construção de sociedades mais justas e equitativas para todos os seus membros.

3. O voluntariado na reforma

O voluntariado é uma atividade que já faz parte do quotidiano de muitos portugueses. Neste sentido, a sua importância e pertinência, a nível nacional e internacional vem crescendo assim como o seu incentivo. A criação de estruturas com o intuito de promover o voluntariado - de que é exemplo em Portugal o CNPV – Conselho Nacional para a Promoção do Voluntariado -, contribuíram para a necessidade de enquadrar juridicamente o voluntariado na legislação nacional, procurando-se assim clarificar o conceito e formalizar mecanismos de proteção dos/as voluntários/as, das instituições e das pessoas com as quais possam contactar.

De acordo com Delicado (2002), eram sobretudo jovens, em idade ativa, a exercer uma profissão ou a estudar, com habilitações superiores à média nacional, quem mais se dedicava ao voluntariado. Num estudo lançado pela ENTRAJUDA, em 2011, adianta-se que 34,9% dos voluntários portugueses terão entre 56 e 65 anos e 21% mais de 65 anos. Relativamente à situação perante o trabalho referem que 41, 6% dos voluntários serão reformados (ENTRAJUDA, 2011).

Tomás et al. (2002) exploram o conceito de idosos/as voluntários/as ou de voluntariado sénior, considerando que integra pessoas com mais de 65 anos, autónomas e que dedicam o seu tempo a atividades sociais não remuneradas, que escolhem livremente e em relação às quais desenvolvem um elevado grau de compromisso. Estas atividades são desenvolvidas fora dos contextos familiar e de amizades e enquadradas em instituições.

Nesta pesquisa, que agora se apresenta, o fator “reforma” é preponderante relativamente ao fator “idade”, tendo participado neste estudo pessoas que estão reformadas, mesmo que tendo idades inferiores a 65 anos. Este facto justifica a referência frequente a voluntários/as reformados/as e não a voluntários/as seniores.

3.1. Motivações para o voluntariado na reforma

Investigadores/as de várias áreas têm vindo a interessar-se pelo estudo das motivações para o voluntariado, considerando que *compreender as motivações que podem levar um indivíduo a doar o seu tempo a uma determinada organização e a manter-se nessa mesma organização* é matéria relevante na gestão das Organização Não Governamental (ONG) (Ferreira et al, 2008, p. 45).

Delicado (2002) constatou que as motivações dos/as voluntários/as portugueses para a prática do voluntariado eram muito variadas, prevalecendo motivações de índole religiosa e a referência ao bem-estar pessoal proporcionado por esta atividade. A autora concluiu neste estudo que o voluntariado não é um ato puramente altruísta, tendo muitas vezes a satisfação de necessidades e interesses dos/as voluntários/as (espirituais, materiais, simbólicas) um lugar significativo quando se tenta compreender as suas motivações.

Latham e Pinder (cit por Ferreira et al, 2008) definem a motivação como um processo psicológico complexo que resulta de uma interação entre o indivíduo e o ambiente que o rodeia (Ferreira et al, 2008, p.45). O contexto é um fator influenciador das motivações para o voluntariado, até porque crenças pessoais, valores, normas, condições económicas, o próprio sistema legal, entre tantos outros, são implícita e explicitamente influenciados pelos contextos de vida das pessoas, podendo por isso ter um papel importante em relação às motivações, ou falta delas, para o voluntariado (Steers y Sanchez-Runde, 2005).

Okun e Schultz (2003) procuraram relacionar a idade com as motivações para o voluntariado, tendo como ponto de partida para esta investigação a Teoria funcional das motivações para o voluntariado, a partir da qual Clary e Snyder (1998), também citados por autores como Okun e Schultz (2003) e por León e Dias-Morales (2009), identificam seis motivações que podem ser o ímpeto para a prática de voluntariado: a carreira, sendo que quanto maior é a idade, menos relevantes se tornam estas motivações para a prática de voluntariado (Omoto et al, 2000, cit. Okun y Schultz, 2003); a melhoria do ânimo - com o aumento da idade, diminui a relevância deste motivo, de acordo com a noção de que à medida que as pessoas envelhecem vão ficando mais seletivas nas suas escolhas, conservando recursos para investir nestas (Clary y Snyder, 1999); a protecção, na medida em que permite reduzir os sentimentos negativos da própria pessoa, não sendo evidente a relação entre esta motivação e a idade; a motivação social, na qual o voluntariado é uma forma de fortalecer relações sociais, e que aumenta à medida que aumenta a idade dos/as voluntários/as; o conhecimento, não sendo também evidente a relação entre esta motivação e a idade; os valores, sendo que nos diversos grupos etários os/as voluntários/as partilham a necessidade de agir de acordo com os seus valores, não havendo aqui uma variação tendo por base a idade. Os valores são considerados como o motivo mais preponderante para o voluntariado.

Em relação às motivações para a prática do voluntariado na reforma, foram destacadas neste trabalho motivações de cariz altruísta e de pertença, seguindo a tipologia apresentada por Ferreira e colaboradores (2008), bem como motivações associadas aos valores. Porém, quando analisadas as motivações para continuar a fazer voluntariado, destacam-se claramente as motivações de Pertença, muito associadas à relação com as pessoas com as quais interagem devido a esta prática, bem como ao sentimento de utilidade relativamente à sua prestação enquanto voluntários/as. Uma análise dos argumentos dos/as voluntários/as para continuarem nas instituições em que fazem voluntariado reforça esta dimensão da Pertença, emergindo categorias como a relação com as pessoas com quem faz voluntariado, a identificação com a instituição/ sentimento de pertença à instituição, o gosto pelo trabalho desenvolvido, o sentimento de utilidade e o reconhecimento. Perante a reforma as pessoas podem encontrar no voluntariado uma possibilidade de redefinir a sua rede social, o que foi reforçado pelas pessoas entrevistadas no âmbito deste trabalho, indo ao encontro da proposta de Okun e Schultz (2003), que identificam como motivação para o voluntariado fazer amigos, sendo esta motivação mais significativa no grupo de pessoas com mais de 70 anos do que no das pessoas com idades compreendidas entre os 40 e os 59 anos, altura em que a rede social é muito marcada por relações profissionais e familiares.

Ferreira, Proença e Proença (2008) referem que as recompensas associadas ao trabalho voluntário ou não voluntário são uma das diferenças mais significativas e determinantes no que concerne às motivações. Enquanto que os trabalhadores remunerados esperam também uma

recompensa financeira, os/as voluntários/as querem que o seu trabalho seja reconhecido e apreciado (Kotler, 1975). Neste estudo é reforçada esta questão na medida em que os/as voluntários/as evidenciam claramente a importância deste reconhecimento para se manterem motivados.

Para além das motivações propriamente ditas surgiu um elemento que se constituiu como determinante para que cinco dos seis protagonistas deste estudo tenham iniciado a sua prática de voluntariado nesta etapa das suas vidas: o convite que lhes foi pessoalmente dirigido. Este facto vai ao encontro dos resultados do Marriott Seniors Volunteerism Study, realizado em 1991, (cit. Okun y Schultz, 2003), no qual se constatou que existe um elevado número de pessoas reformadas que fariam voluntariado, se fossem convidadas para esse efeito – aos quais chamaram voluntários/as latentes – e que existe um número ainda maior de pessoas na mesma situação, que fariam voluntariado se fossem convidadas, mas mediante situações mais específicas – os voluntários/as condicionais.

Um estudo mais alargado poderá permitir encontrar indicadores no sentido de confirmar (ou infirmar) esta hipótese na população reformada portuguesa, podendo esta indicação, caso se confirme, ser um ponto de partida importante para a prossecução de estratégias ativas e direccionadas de captação de voluntários/as reformados/as pelas instituições.

4. Nota Metodológica

Quando alguém se dedica à investigação científica já transporta consigo o senso comum, o sentido primário que dá às explicações, através do individual e natural em função de valores dominantes da sociedade. A ruptura com o senso comum não é um processo feito de uma vez por todas, é antes de mais uma atitude, um trabalho de vigilância crítica e uma construção conceptual permanente. Dada a complexidade da temática em análise e, considerando que, em Portugal, são ainda poucos os estudos empíricos relativamente ao Voluntariado Sénior, entendeu-se como fundamental compreender as motivações e representações que as pessoas reformadas fazem sobre a atividade de voluntariado que praticam.

Optámos por uma metodologia compreensiva por nos permitir dar uma atenção ao discurso dos atores e construir um sentido que se lhe adequasse – tal como escrevem Bruyne et al., a abordagem compreensiva visa apreender e explicitar o sentido da atividade social individual e colectiva enquanto realização de uma intenção. Ela justifica-se na medida em que a ação humana é essencialmente a expressão de uma consciência, produto de valores, resultante de motivações (Bruyne et al., 1991: 139). Neste sentido e, para compreender o sentido que os voluntários atribuem às suas motivações, foi essencial privilegiar os seus discursos. Para além disso, a metodologia compreensiva permite uma abordagem dos processos sociais que privilegia precisamente o discurso dos sujeitos como fonte de sentir e de explicar os implícitos motivacionais que estão na base das suas ações e assim das suas opções e práticas.

Foram selecionadas três instituições de utilidade pública, com sede no centro urbano do Porto - duas Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS) e uma Organização não-Governamental para o Desenvolvimento (ONGD) - com trabalho reconhecido na área social e que integravam voluntários com funções e tarefas muito diversificadas: apoio e visitas domiciliárias; visitas a doentes internados em hospital; tarefas do quotidiano institucional; entre outras que se enquadram no âmbito da pedagogia social de que salientamos a animação sociocultural.

As perguntas de partida decorreram das seguintes hipóteses:

- O que potencia a prática de voluntariado na reforma?
- Será que a entrada na reforma se configura como uma oportunidade para investimentos que contribuam para uma vivência satisfatória desta etapa da vida?
- Será o voluntariado um contributo para a reconfiguração identitária dos indivíduos após a reforma?
- Grupo com que se trabalhou: 6 pessoas, (3 do sexo feminino e três do sexo masculino), reformadas, com idades compreendidas entre os 55 e os 84 anos de idade, a praticar voluntariado há mais de um ano.

Relativamente às técnicas de recolha de material mobilizadas para a recolha de informação, foram utilizadas a Entrevista Exploratória (3 – uma por instituição) e a Entrevista Semidiretiva (6 – com voluntários/as das três instituições).

5. Principais conclusões

1) O voluntariado foi um dos pilares deste estudo, sendo entendido pelos participantes por um lado como uma forma de ajudar outros/as e por outro como forma de participação cívica. O compromisso com o outro surge como um aspeto fundamental não só do ponto de vista pedagógico como ético. Pensando os aspetos positivos do voluntariado, os/as entrevistados destacaram a atividade social que esta prática proporciona e ainda o facto de ser socialmente útil. As representações que estes voluntários fazem sobre o seu trabalho correspondem a uma visão desta prática, muito próxima do senso comum informado, reforçando uma das ideias centrais da pedagogia social, que se prende com o *cuidado de una correcta socialización de los individuos* (Quintana, 1984, cit Carreras, 1998, p. 46).

2) A compreensão dos voluntários e a definição e valorização dos seus papéis são estratégias chave para se procurarem formas de potenciar a colaboração de diferentes voluntários/as, com diferentes perfis, gostos e interesses, contribuindo para que queiram manter-se nas instituições durante mais tempo. Desta forma o voluntariado poderá fortalecer-se enquanto parte integrante de uma *intervención pedagógica en el remedio de ciertas necesidades humanas que aquejan a nuestra conflictiva sociedad* (Quintana, 1984, cit por Carreras, 1998, p. 46), uma das conceções da Pedagogia Social. Este contributo reveste-se de especial importância no caso do voluntariado praticado por pessoas reformadas já que, para além do impacto do seu trabalho nos contextos/ comunidades nas quais desenvolvem a sua prática, contribui também para contrariar o estereótipo da inatividade e improdutividade relativamente às pessoas reformadas.

3) A partir desta análise, e de toda a construção teórica já existente a este propósito, pode-se evidenciar e reiterar a importância das pessoas responsáveis pela gestão dos voluntários nas organizações serem capazes de perceber o que os voluntários gostam de fazer, bem como aquilo para que se sentem capazes e competentes, assentando assim, toda a conceção e prática do voluntariado institucional em ações pedagógicas passíveis de serem estudadas enquanto ações que produzem efeitos educativos na dimensão social da personalidade (Romans e colaboradores, 2003, p.17).

4) A compreensão mais aprofundada das atividades de voluntariado a que se dedicam os/as voluntários/as reformados/as portugueses, poderia ser uma possibilidade de investigação futura considerando que uma melhor compreensão da distribuição deste grupo poderá contribuir para a prossecução de estratégias adequadas e específicas de reforço desta dinâmica que poderá estar a aumentar em Portugal.

6. Síntese

No final deste estudo compreendeu-se uma necessidade que se poderá entender como basilar para um conjunto de outras possíveis investigações: a realização de uma estudo com vista à caracterização deste grupo específico de voluntários/as. Para além de tudo o que tem vindo a ser referido, poder-se-á concorrer para a justificação da pertinência de investigações neste sentido tendo por base a perspetiva de Musick e Wilson (2003, cit. León y Dias-Morales, 2009), que defendem que a prática do voluntariado poderá ter mais benefícios para as pessoas idosas do que para qualquer outro grupo etário, na medida em que se encontram correlações entre esta prática e a saúde física, o bem-estar psicológico e a longevidade dos/as idosos/as (León y Dias-Morales, 2009).

Assim sendo entende-se que se caminhou no sentido de afirmar que a entrada na reforma se pode configurar como uma oportunidade para investimentos que contribuam para uma vivência mais satisfatória desta etapa da vida. Espera-se que, com este trabalho, se possa ter de algum modo ido ao encontro do que reiteram já outros autores, como Tomás et al (2002), que defendem que a prática de voluntariado na reforma pode também potenciar, ou contribuir para uma vivência mais satisfatória deste período da vida, podendo assim ser um contributo para que as pessoas caminhem no sentido do Envelhecimento Ativo.

7. Referências bibliográficas

- Bruyne, P. et al. (1991). *Dinâmica da Pesquisa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora.
- Carreras, J. (1998). La construcción de la pedagogía social: algunas vías de aproximación. En A. Petrus (Coord.). *Pedagogía Social*. Barcelona: Ariel Educación.

- Clary, E., et al. (1998). Understanding and assessing the motivations of volunteers: a functional approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74, 1516-1530.
- Delicado, A., Almeida, A. y Ferrão, J. (2002). *Caracterização do Voluntariado em Portugal*. ICS, Universidade Nova de Lisboa, Ed. Da Comissão para o Ano Internacional do Voluntariado.
- Entrajuda – Apoio a Instituições de Solidariedade Social (2011). *Alguns dados relativos ao voluntariado em Portugal*. Universidade Católica Portuguesa – Centro de Estudos de Sondagem de Opinião (CESOP) e Centro de Estudos de Serviço Social e Sociologia (CESSS).
- Fernández-Ballesteros, R. (2000). Gerontología Social. Una introducción. En R. Fernández-Ballesteros (Dir.), *Gerontología Social*. Madrid: Pirámide.
- Ferreira, M., Proença, T. y Proença, F. (2008). As motivações no trabalho voluntário. *Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão*, 43 - 53.
- Fonseca, A. (2006). *O envelhecimento – Uma abordagem psicológica*. 2ª edição. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa.
- Guillemard, A.M. (2007). Uma nova solidariedade entre as idades e as gerações numa sociedade de longevidade. En S. Paugam (org) *Repenser la solidarité. L'apport des sciences sociales*. Paris: PUF.
- Goyanes, F. y Blanch, S. (2011). Las condiciones de vida de las personas mayores y los servicios sociales municipales. *Pedagogía Social. Revista Interuniversitaria*, 19, 83-98.
- Hoffman, L., Paris, S., Hall, E. (1994). *Development psychology today*. 6th edition. New York: McGraw-Hill.
- Kotler (1975). *Marketing for Non-Profit Organizations*. NJ: Prentice Hall.
- León, M^a.C. y Díaz-Morales, J. (2009). Voluntariado y tercera edad. *Anales de psicología*, 25 (2), 375-389.
- Martins, T. (2012). *Voluntários/as Reformados/as: Práticas de Voluntariado na Reforma*. Tese de Mestrado apresentada no Instituto Superior de Serviço Social do Porto.
- Okun, M.A. y Schultz, A. (2003). Age and Motives for Volunteering: Testing Hypotheses Derived From Socioemotional Selectivity Theory. *Psychology and Aging*, 18 (2), 231-239.
- Petit, M. (2009). Os reformados como novo recurso para a solidariedade e a coesão social. En Seminário Combater a Reprodução Intergeracional da Pobreza e da Exclusão Social: que intervenções? *Actas. Senhora da Hora: Centro de Investigação em Ciências Sociais do Serviço Social*.
- Romans, M. (2003). *Profissão Educador Social*. São Paulo: Artmed.
- Steers y Sanches-Runde (2002), Culture, motivation and work behavior. En Gannon e Newman (Eds.), *The Blackwell Handbook of Principles of Cross-Cultural Management*. UK: MPG Books.
- Tomás, M., Tomás, E. y Suárez, J. (2002). Voluntariado de Mayores: ejemplo de envejecimiento participativo y satisfactorio. *Revista Interuniversitaria de Formación de Profesorado*, 45, 107-128.